
A Música como elemento de significação na narrativa fílmica: um estudo do longa-metragem *A História da Eternidade* de Camilo Cavalcante¹

Luiza Santos de MOURA²

Amanda Mansur Custódio NOGUEIRA³

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

A música configura-se como um elemento de coesão na narrativa do filme, ajudando a compor significado nas produções cinematográficas. O objetivo deste artigo é abordar a música como elemento narrativo do filme de longa-metragem, *A História da Eternidade* (2014), do diretor Camilo Cavalcante, a partir da análise de cenas elaboradas com músicas pré-existentes e composições originais. A análise fílmica é baseada nos estudos de som e imagem propostos por Kalinak (2010) e Michel Chion (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Música no filme; Cinema Pernambucano; Trilha Sonora; Dominginhos; Camilo Cavalcante.

INTRODUÇÃO

O som esteve presente no cinema, mesmo nos filmes mudos quando era executado durante a projeção. Música e imagem já dividiam o mesmo espaço antes de aparecerem lado a lado na película cinematográfica a partir de 1927. Em 1920, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, o fornecimento da imagem com acompanhamento musical era feito através da gravação de fonógrafos ou por orquestras em formato ao vivo. No Brasil, tornou-se possível a prática em 1930, com o sucesso do primeiro veículo de comunicação de massa, o rádio. Na época, o *boom* proporcionado pelo rádio fez com que os cantores e cantoras elevassem a audiência de suas músicas à nível nacional. Sendo assim, o cinema mudo ou “pré cinema” (MACHADO, 1997) decidiu incorporá-los no acompanhamento musical, ocorrendo o crescimento das comédias musicais e a realização das Chanchadas.

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social da UFPE, e-mail: luiza.moura@ufpe.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação Social, pesquisadora e professora do curso de Comunicação Social do NDC da UFPE, e-mail: amanda.nogueira@ufpe.br

Para Kathryn Kalinak (2010), a música do filme é capaz de ter efeitos poderosos e esses efeitos são uma amálgama única feita entre duas formas de artes. Ou seja, a música do filme está na intersecção da música, e do filme e para entender como ela opera deveríamos considerar tanto sua constituição como prática musical quanto a sua função cinematográfica. No entanto, a música tem uma série de funções importantes como elemento no sistema narrativo de um filme e depende da música para fazê-lo.

Em Pernambuco, ocorreu em meados de 1990, o aumento dos financiamentos públicos que provocou um *boom* na produção de filmes, na intitulada “retomada do cinema brasileiro”, como propõe Nagib (2002). A maior parte dessa filmografia tem intersecções com diferentes formas de artes, em especial com a música. Partindo da assimilação de movimentos musicais em diferentes locais do país - como o tropicalismo, o samba da Vila-Madalena e o *manguebeat*⁴ - inspirou um cinema mais “musical”, gerando uma nova sensibilidade para trabalhar os fenômenos sonoros nos filmes de ficção e, elegeu a música e os artistas brasileiros como tema de vários documentários. Então, os filmes ficcionais e os documentários musicais inundaram as telas do cinema nacional e são cada vez mais populares.

Partindo dessa perspectiva, o objetivo do artigo é abordar a relação entre a imagem e a música, a partir da análise do longa-metragem pernambucano, *A História da Eternidade* (2014), roteirizado e dirigido por Camilo Cavalcante, com a direção de fotografia de Beto Martins, trilha sonora original feita por Zbigniew Preisner e a trilha sonora da sanfona de Dominginhos. No elenco principal, temos a (Débora Ingrid) como Alfonsina; (Claudio Jaborandy) como Nataniel; (Irândhir Santos) como João; (Zezita Matos) como Das Dores; (Leonardo França) como Cego Aderaldo e (Marcélia Cartaxo) como Querência. O filme conta a história de três personagens femininas que moram em um pequeno vilarejo, no sertão de Pernambuco, onde essas personagens vivem conflitos internos e externos a partir de situações que envolvem paixão e desejo.

A análise do filme é realizada a partir dos procedimentos de análise fílmica, com o foco na trilha sonora, e com apoio nos trabalhos de Kathryn Kalinak (2010) e Michel Chion (2008) sobre som e música no filme.

⁴ Com o surgimento do *manguebeat*, transformações foram provocadas em todo um contexto de renovação da produção cultural em Pernambuco. Os cineastas pernambucanos vão participar dessa experiência musical, entrando em contato com seus códigos culturais, valores sociais, e sentimentos compartilhados que forneceram elementos para a construção das identidades sociais e laços afetivos entre os profissionais dos dois campos artísticos.

Inicialmente, iremos apresentar um breve resumo da trajetória do diretor Camilo Cavalcante e do músico e compositor Dominginhos para compreender como se deu o encontro dos dois e o processo de composição da música do filme.

Aurora: a trajetória de Camilo Cavalcante

Camilo Cavalcante nasceu em Recife, na capital de Pernambuco, no dia 8 de outubro de 1974. Em decorrência, da profissão dos seus pais, ambos funcionários públicos na área da medicina sanitária, entretanto, a mudança de Estado era frequente. A sua infância percorre o interior do Piauí, onde foi alfabetizado, depois passa por São Paulo, quando seus pais fizeram uma especialização, em seguida volta para o interior da Paraíba e por último morou no Rio de Janeiro. Somente aos dez anos de idade que Camilo começou a frequentar o cinema sozinho e por viver de mudança, não tinha muitos amigos na cidade e o cinema era uma forma de preencher o tempo e visitar outro mundo.

Na adolescência fez um curso técnico de segurança do trabalho no IFPE. No entanto, seu primeiro estágio como técnico foi na Compesa (Companhia Pernambucana de Saneamento). A sua função na empresa era criar relatórios, solicitar equipamentos de proteção individual para os funcionários. Em 1990, surgiu, então, a oportunidade de estagiar durante dois anos no Museu de Imagem e Som de Pernambuco (MISPE).

Após o ensino médio, decidiu cursar jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco- UFPE. Em 1996, participou da Oficina de Roteiro Cinematográfico na Escuela Internacional de Cine y TV de San Antonio de Los Baños, em Cuba. O diretor Camilo Cavalcante trabalhou com diversos formatos e diferentes tecnologias no cinema e audiovisual. Dirigiu quatorze filmes de diversos formatos sendo curtas-metragens, séries para televisão, vídeos institucionais e vídeos para a instalação em museus.

Em 2014, lançou seu primeiro longa-metragem de ficção, *A História da Eternidade*, estreou no Festival de Roterdã. Em outubro de 2019, Camilo lançou o documentário, *Beco*. Em 2020, lança seu segundo longa-metragem *King Kong en Asunción*. Além disso, tem uma produtora, a Aurora Cinema, que está localizada na Rua Conde de Irajá, no bairro da Torre.

O estilo estético do diretor não integra nenhum grupo específico na cena da produção cinematográfica em Pernambuco. Porém, compartilha da brodagem⁵ ao trabalhar com os mesmos profissionais, artistas, técnicos e atores que participam de filmes de outros cineastas.

É Festa: a poesia sanfonada de Dominginhos

José Domingos de Moraes, nasceu em 12 de fevereiro de 1941, em Garanhuns. Era filho de um afinador e tocador de sanfona que ganhava a vida tocando forró em festas no período junino. Por conta da falta de procura do sanfoneiro para tocar nas festas, completava a sua renda com a agricultura. Devido às dificuldades financeiras e sabendo do talento dos filhos, a dona Mariinha, mãe de Dominginhos, demonstrou o interesse em levá-los na feira de Garanhuns para uma apresentação e formou o trio “Os Três Pinguins”.

Durante a segunda excursão com a Moura Brasil, em 1954, que ocorreu em Garanhuns, Gonzaga conheceu Dominginhos. Era sábado de feira, um trio, particularmente, chamou a atenção de Gonzaga: três garotos, tocando sanfona de oito baixos. O trio era formado por irmãos, chamava-se “Os Três Pinguins”. Durante o passeio pela feira, Gonzaga gostou do trio e decidiu parar e entregar o seu número de telefone para o irmão mais velho caso precisassem de alguma ajuda no Rio de Janeiro e também prometeu ao Neném do Acordeon uma sanfona nova.

Eles tocavam na feira e passavam o pires, como eu fazia quando comecei. Aí eu prometi uma sanfona melhor a Dominginhos. Só fui encontrar com ele no Rio de Janeiro, mais tarde. (GONZAGA, Luiz) Entrevista concedida a Dominique Dreyfus. Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga, 1987, p.192.

⁵ Segundo Amanda Mansur (2020), a brodagem no cinema pernambucano é um modo colaborativo de produção, acionando uma rede de amigos com compatibilidade geracional, a formação em comum é representada por um jogo de interesses, afetos e desafetos.

Somente aos dezesseis anos, foi para o Rio de Janeiro, em Nilópolis. Ao chegar na cidade, lembrou que o mestre lhe prometera, outrora, uma sanfona e decidiu procurá-lo. Na verdade queria pedir um aval para a compra, a prazo, de uma sanfona nova e acabou ganhando uma sanfona do próprio Luiz Gonzaga.

Tratando-se de uma das marcas do tradicionalismo nordestino, apontado por Durval Muniz de Albuquerque (2009) no livro “A invenção do Nordeste e outras artes”. O paternalismo gonzaguiano ilustra uma forma de política tradicional, onde a dádiva é a moeda de troca numa relação simbólica que vai além do campo musical e visa configurar uma ordem social baseada nas relações de apadrinhamento. É através do apadrinhamento que o “Neném do Acordeon” torna-se Dominginhos. Após o convite de Helena, esposa de Luiz Gonzaga, participou oficialmente do segundo trio diretamente inspirado por Luiz Gonzaga, que foi batizado de o Trio Nordestino, coroado com o famoso chapéu de couro, e começou a atuar. Em sua carreira não se limitou a um gênero musical específico e atuou em filmes (Tabela 1), documentários, programas de televisão, seja como ator, intérprete ou compositor de trilhas sonoras para o cinema.

Tabela 1:

Filmes	Compositor da trilha sonora
Bye Bye Brasil- (1979) - longa-metragem	Chico Buarque, Dominginhos e Roberto Menescal.
As Aventuras de um Paraíba - (1983) - longa-metragem	Dominginhos e Guadalupe.
A História da Eternidade - (2013) - longa-metragem	Dominginhos e Zbigniew Preisner.

Articulações entre a música e o cinema

O processo de produção sonora de uma obra cinematográfica ficcional é composta por: diálogos, efeitos sonoros (paisagem sonora e efeitos especiais) e música.

No caso da música, a trilha musical pode ser usada como música de fundo, atmosfera emocional, *leitmotiv*⁶ da personagem, entre outros (KALINAK, 2010). A partir da utilização de músicas pré-existentes, uma variedade de sentidos pode ser desencadeada e impulsionar uma composição visual, unificando uma sequência de imagens que anteriormente pareciam desconectadas. As percepções sonoras e visuais, quando comparadas entre si, são muito mais díspares do que se imagina. No contrato audiovisual, estas percepções se influenciam mutuamente e emprestam uma à outra, por contaminação e projeção, as suas respectivas propriedades (CHION, 2008, p.15). Sob a ótica da recepção, a música (popular) no cinema incentiva a absorção do aparato tecnológico da imagem pelo telespectador, e do ponto de vista da produção, a utilização da trilha musical amplia o uso das possibilidades criativas (NOGUEIRA, 2019).

No longa-metragem *A História da Eternidade*, por exemplo, observamos, recorrentemente, a existência de sequências que poderíamos chamar de “momentos musicais”. Essas sequências podem estar incorporadas ao enredo como parte do percurso narrativo geral ou podem ser dotadas de maior autonomia em relação à própria ação dramática (marcadas por um certo “deslocamento” do enredo).

No primeiro filme de longa-metragem de ficção de Camilo Cavalcante, a música não fica em segundo plano, nem é tão somente uma trilha sonora sem a preocupação de tornar a retórica musical reconhecível pelo espectador (MACHADO, 1997. p.152). Ao analisar o filme acima mencionado, observamos as sequências em que os fenômenos de exibição da música são mais evidentes pelo procedimento da montagem técnica, a música rege os ritmos dos cortes e a duração dos planos; e linguagem de câmera, caracterizada por um virtuosismo imagético (NOGUEIRA, 2010).

Para Michel Chion (2008), considera que é natural o interesse do cinema pelo “nascimento” da música, fenômeno invisível tornado visível pelo enquadramento do seu fazer nessas consequências. São momentos em que a existência da música é justificada na narrativa fílmica: é aquilo que chamamos de “música diegética”. Além disso, dependendo do gênero do filme, do diretor e de como a encenação desta performance acontece, ela pode proporcionar um momento de fruição musical para o espectador.

⁶ O conceito de *leitmotiv* ou “motivo condutor” foi designado por Richard Wagner. Sendo identificável através da sua estrutura musical, pode representar uma pessoa, um objeto, um lugar, uma ideia ou outro componente da ação dramática.

No caso do filme *A História da Eternidade* (2014), a composição musical era uma atividade primordial, já que a música era um dos elementos narrativos do filme. Do ponto de vista da criação, a produção dos sons e das imagens do longa-metragem é feita conjuntamente. Onde o diretor com os seus dois compositores criam um mundo, cada um com suas características extrínsecas. No entanto, a matéria sonora feita na sanfona foi apresentada por Dominginhos na pré-filmagem do longa para que o ator (Leonardo França) pudesse ensaiar durante as gravações. Porém, a trilha feita por Preisner (extra-diegética) só será representada na montagem final, na sala escura e acústica. Em decorrência do falecimento de Dominginhos, um dos compositores do filme, não foi possível a visualização da montagem final e por este motivo o filme é dedicado a ele *in memoriam*.

O encontro do diretor Camilo Cavalcante com o músico Dominginhos

Segundo o diretor Camilo Cavalcante, em entrevista concedida às autoras do artigo: “Em um primeiro contato, Dominginhos fez umas coisas. Então eu liguei para ele e disse: "Poxa Dominginhos, veja só eu estava pensando numa coisa mais ou menos assim. Então mostrei para ele Astor Piazzolla no telefone e disse escuta isso aqui. Dominginhos respondeu: "poxa cara, mas isso aqui é tango e eu não faço tango".

Para Camilo o resultado final da trilha sonora (Tabela 2) feita por Dominginhos em *A História da Eternidade* foi surpreendente porque traz para o filme a força tão buscada por ele, apesar de ser um tango melancólico e triste.

Temas compostos por Dominginhos em *A História da Eternidade*

Tabela 2:

Trilha Sonora	Minutagem
Aurora (ensaio) Intérprete: Leonardo França	Início: 00:00:37 Término:0:02:40

Autor: Dominginhos	
Aurora (música para acordar Querência) Intérprete: Leonardo França Autor: Dominginhos	Início:0:34:48 Término: 0:37: 07
A Chegada do Neto Intérprete: Dominginhos Autor: Dominginhos	Início: 0:44:55 Término: 0:46:44
É Festa! Intérprete: Cego Aderaldo Zabumba: Seu chiquinho Triângulo: Seu passarinho Autor: Dominginhos	. Início: 1:05:03 Término: 1:06:40
Macaco é tio Antônio Intérprete: Leonardo França Autor: Gerson Filho	Início: 1:06:45 Término: 1:09:28
Oroborus Intérprete: Leonardo França Autor: Dominginhos	Início: 1:49:56 Término: 1:51:43

A música em *A História da Eternidade*

Para Camilo Cavalcante, o processo de criação musical do filme foi dividido em três momentos. No primeiro momento, antes de iniciar as gravações, o diretor convida Dominginhos para compor os temas musicais feitos na sanfona. A decisão do diretor propõe a inserção da força da música de Dominginhos na trilha sonora do seu primeiro longa-metragem ficcional.

No segundo momento, a trilha sonora foi composta por Zbigniew Preisner. O maestro polonês que compôs as trilhas sonoras dos filmes de Krzysztof Kieslowski como por exemplo, *A Liberdade é Azul* (1994), *A Fraternidade é Vermelha* (1994) , *A*

Igualdade é Branca (1994). Um dos fatores pelo qual o diretor Camilo Cavalcante é apaixonado pela obra de Krzysztof é por conta das trilhas sonoras de seus filmes. Então, para o diretor ter Preisner como compositor da trilha sonora de *A História da Eternidade* seria a realização de um sonho. Fica claro, portanto, que os dois momentos se entrelaçam com a utilização das cordas proposta pela música de Zbigniew, possuindo o toque da frieza do Leste Europeu, mas, ao mesmo tempo, se aproxima da melancolia sertaneja proposta na música de Dominginhos.

O terceiro momento de produção da trilha sonora se dá na escolha das músicas pré-existentes: “Forever”, da banda Pholhas; “Fala”, da banda Secos e Molhados; “Foi Você”, de Márcio Greyck; e, “Vento Norte”, do grupo Karetas.

Em entrevista concedida à aluna Luiza Moura e à professora Amanda Mansur, em julho de 2021, Camilo Cavalcante relatou: “Todas as músicas do filme foram escolhidas bem antes, já na fase de pré-produção”.

Análise da música em *A História da Eternidade* (2014)

A abertura do filme *A História da Eternidade*, inicia com um *fade in*⁷ acompanhado do primeiro tema composto por Dominginhos intitulado Aurora (Ensaio). Após o primeiro minuto o *fade* vai sumindo de forma lenta e desvenda um lugar com o céu azul, poucas nuvens e um garoto entra em cena, em um plano próximo do lado direito do quadro, quando surge uma ave no céu e com o estilingue em mãos ele puxa o elástico, mirando no pássaro. Muda o quadro, o que vemos é o enquadramento fixo do personagem, Cego Aderaldo (Leonardo França) dedilhando na sua sanfona uma música diegética. No plano aberto da cena, o personagem está sentado debaixo de uma árvore completamente seca e toca um som melancólico na sua sanfona. Somente no plano da ambientação e da sonorização conseguimos entender que o filme se passa no sertão nordestino por conta dos elementos como, por exemplo, a paisagem visual, personagens, sons do ambiente.

De acordo com Chion (2008, p.64), o som ambiente ou som território é aquele som global que envolve a cena audiovisual e habita seu espaço, podendo servir para identificar uma determinada localidade através de sua presença contínua e passiva. O surgimento de duas pessoas no quadro pastoreando bodes e cabras e cruzando o

⁷ Aparecimento gradual da imagem ou do som.

ambiente e a música que o personagem Cego Aderaldo está tocando na sanfona. Ocorrendo uma interseção entre o som que vem da diegese e o som território de ecos dos tintilar dos sinos de metais presentes nos pescoços dos caprinos. A música diegética é interrompida bruscamente, o Cego para de tocar, e escuta de longe várias pessoas em procissão ressoando na diegese a oração de São Francisco. Logo em seguida, com um gesto respeitoso, retira seu chapéu de couro da cabeça e leva-o ao peito, enquanto curva sua cabeça. O Cego Aderaldo, através da oração, sabe que trata-se do sepultamento da filha de Querência (Marcélia Cartaxo) e segue a procissão.

A primeira cena musical acontece aos oito minutos e cinquenta e dois do filme. A execução da música (não diegética), “*Forever*” da banda Pholhas. Esse primeiro momento musical funciona como *leitmotiv* da personagem Alfonsina (Débora Ingrid). Em seu depoimento às autoras, o diretor relatou ter enviado um primeiro corte da cena para a montadora Vânia Debs sem dar nenhuma instrução, deixou-a seguir o roteiro e a montagem ficou diferente do imaginado. Então o próprio diretor decidiu chamar a montadora para ouvir a música toda e sentir o compasso do apagar e acender a lâmpada do abajur. Sendo assim, durante as filmagens ele ficou do lado dela contando essa sequência, “foi bem legal de montar essa parte com ela porque era esse o ritmo da cena através dos compassos da música, pelo crescente que a música tem”. De acordo com Camilo, a sequência é toda ritmada e o último acender do abajur tem por finalidade ficar em cima do refrão da música para que o público possa ver a personagem Alfonsina.

Nessa sequência de cortes, a estética do filme recorre ao claro e escuro mesclando os recortes da praia coladas na parede do quarto da personagem com partes do seu corpo até a revelação final do rosto da Alfonsina. Com a revelação do rosto percebe-se o brilho nos olhos e o encanto enquanto observa as imagens da praia e a música tocada na rádio faz a associação do desejo da personagem Alfonsina de conhecer o mar. O encantamento é rompido no refrão da música “love, love” quando o irmão dela entra no quarto e desliga o rádio e avisa que o pai está chegando e a personagem pula da cama e volta para a realidade.

A partir da segunda música composta por Dominginhos, Aurora (Música para acordar Querência), a trilha sonora funciona como personagem que embala o romance do sanfoneiro Cego Aderaldo (Leonardo França) e da viúva Querência (Marcélia Cartaxo). A música se inicia no minuto 0:34:48 tocada na diegese pelo sanfoneiro Cego

Aderaldo que sob os primeiros raios de sol, está sentado na frente da janela da casa de Querência, tocando a mesma música que estava ensaiando na sequência de abertura do filme e executa a melodia de forma segura, são notas melancólicas. No entanto, a música tocada por Aderaldo na sanfona traz o conforto para o sofrimento de Querência que decide abrir a janela para apreciar a aurora tão exuberante quanto o fundo musical que escuta. O sanfoneiro conclui a música logo que o sol termina de nascer. O cego diz: “Bom dia Querência”.

O terceiro tema de Dominginhos começa no minuto 0:44:55. O sol nasce e inunda a tela ao som de notas da sanfona tocada por Cego Aderaldo. O personagem está sentado na frente da casa de Querência a música dessa vez tem uma harmonia diferente, porém, toca com a mesma emoção da música do dia anterior em que prometeu para sua amada que jamais desistirá de conquistar o amor dela através da sua sanfona. Dessa vez Querência abre a janela e os dois estabelecem uma relação de cumplicidade. Logo em seguida, a música fica de plano de fundo enquanto na imagem vemos a vizinhança e as casas do vilarejo. Um menino passa correndo na direção da casa de dona Das Dores (Zezita Matos) e avisa que seu neto Geraldo (Maxwell Nascimento) acaba de chegar de São Paulo. A cena do abraço dos dois acontece ao som da música “A Chegada do Neto” tocada na diegese por Cego Aderaldo a melodia remete não só ao reencontro do neto com sua avó mas também o retorno a terra querida e o acolhimento da família

A diferença da quarta música intitulada “É Festa” para as anteriores é que esta soa como música popular, por causa do ritmo dançante e do arranjo feito com triângulo, zabumba e a sanfona. Esse tema traz aspectos da cultura nordestina como citado acima a formação de trios “pé de serra”, são comuns em festejos, aniversários que ocorrem no sertão nordestino. Outro aspecto cultural é o aniversário de quinze anos, onde a personagem Alfonsina transita de uma singela menina sonhadora para tornar-se mulher e a comemoração do seu aniversário tem o trio “pé de serra”, o churrasco com carne de bode e muita bebedeira.

A primeira música pré-existente escolhida por Camilo na fase de roteirização “Fala”, para que o personagem Joãozinho (Irândhir Santos) pudesse ensaiar a performance durante as filmagens. “Fala”, de Secos e Molhados, é a música que invade a narrativa aos 0:48:28 minutos do filme. É quando se dá a apresentação do sentimento do personagem Joãozinho (Irândhir Santos) em relação à vizinhança e mais

especificamente ao seu irmão através de sua performance artística. Até o início desta sequência, a composição do filme é toda formada por planos fixos.

Para o diretor a escolha da música foi além da harmonia mas também pelo significado da letra. A música “Fala” foi definidora, inclusive, para a decupagem do filme porque o primeiro movimento de câmera do longa acontece no *travelling*⁸. No início da música “Fala”, no arranjo de cordas a câmera arranca suave e aumenta a velocidade de acordo com a performance de Joãozinho (Irândhir Santos), que foi realizada em cima da música. Neste momento a emoção do espectador é ampliada com a utilização do *travelling* circular que aumenta a velocidade conforme a intensidade da performance.

A terceira música pré-existente escolhida é “Foi Você” de Márcio Greyck, composta por Raul Seixas. Essa música extra- diegética aparece durante a festa de quinze anos de Alfonsina. Na mise-en-scene do personagem Nataniel (Claudio Jaborandy), pai da personagem Alfonsina. No momento da bebedeira a música o impacta ao ponto dele desmoronar. Então a música no momento de embriaguez provoca uma catarse no pai da personagem e ele explode acabando com a festa da filha.

Camilo queria uma música que tivesse a ver com a mise-en-scene e que o tocasse. Para que ele compusesse os movimentos de câmera pretendidos porque é uma cena que utiliza muitos travellings, o primeiro contorna Alfonsina e Joãozinho. O segundo travelling acompanha Nataniel quando ele se levanta, sai do bar e vai para o salão. De acordo com o diretor, a escolha da música dramática “Foi Você” busca através da letra e dos arranjos de corda a priori tocar na emoção do próprio diretor e a posteriori a emoção do espectador de acordo com o que foi pensado para a elaboração da cena.

O único tema musical da trilha sonora feita na sanfona que não foi gravada por Dominginhos, chama-se “Macaco é tio Antônio”, do compositor alagoano Gerson Filho. A música festiva foi gravada em som direto e executada por Cego Aderaldo (Leonardo França) durante a festa de quinze anos da personagem Alfonsina.

O sexto e último tema composto em vida, por Dominginhos, na história do cinema foi intitulado Oroborus. Na entrevista com o diretor ele cita: “Aconteceu um fenômeno da natureza durante as filmagens e tinha um halo em torno do sol e essa

⁸ Deslocamento da câmera feita geralmente num suporte móvel sobre carris, o que permite um deslocamento mais suave e a obtenção do encadeamento contínuo dos planos.

imagem entrou no filme com repletos significados, de possibilidades e interpretações”. A música tocada diegeticamente por Cego Aderaldo pode significar naquele momento do filme o olho do próprio personagem que como diria Zé Ramalho, vagueia procurando por um ou pode ser também a vida nova que vem, o prolongamento daquela comunidade. A personagem Querência atravessa o vilarejo com uma criança que significa o óvulo fecundado ou pode ser o Oroborus, símbolo da cobra que come o próprio rabo. No final do filme, o símbolo não deixa uma interpretação coesa se é um sinal de desespero ou esperança

Considerações Finais

A História da Eternidade (2014) é o primeiro longa-metragem de ficção de Camilo Cavalcante. O diretor e roteirista pernambucano realizou 14 curtas-metragens em diversos formatos do VHS ao digital e atravessou os formatos 16mm e 35mm. Em *A História da Eternidade*, tudo se encaixa de forma fluída: a cor, o som, o movimento de câmera, a música e os personagens. Desde da criação do roteiro, da produção (filmagem), o processo de pós-produção, a narrativa foi guiada pelo fluxo musical do longa. A trilha sonora é composta por quatro músicas pré-existentes e seis músicas originais na sanfona. Desde a criação do roteiro, o diretor optou por escolher os temas e definir as músicas pré-existentes para comprar os direitos autorais.

Para o diretor Camilo Cavalcante, a música tem o poder de se comunicar com o ouvinte e tocar profundamente as suas emoções e também os liga à memória. Quando a música lhe toca é algo efetivo e não apenas por questões técnicas ou harmônicas mas por questões que estão ligadas a alguma coisa do passado, alguma sensação. Então a relação do diretor com a música sempre foi muito intensa desde a sua infância e acabou desenvolvendo esse cinema narrativo musical. Um cinema intermediado pela música, na construção de sensações temporais, táteis e rítmicas.

Na *História da Eternidade*, cada personagem que chega ao universo diegético do filme é guiado pelo elemento musical. A música simboliza a possibilidade de sermos eternos, que é o prolongamento de quem está vivo. Essa é a coisa mais natural de estar vivo, a morte. A vida nova que chega e traz uma possibilidade, como em “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto, em que apesar de todas as adversidades, da

miséria e da melancolia, uma vida nova pode dar uma injeção de ânimo, de esperança e de possibilidade de renovação.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Gustavo. **Dominguinhos e a “invenção” do Nordeste cosmopolita**. Revista Teoria e Cultura da Pós Graduação em Ciências Sociais, periódicos UFJF, v.13, n.2 (2018): “Direitas no Brasil contemporâneo” e “Música popular e sociedade”, 12 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/13875>. Acesso em: 7 de Abril de 2021.

ALBUQUERQUE, Durval. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Cortez Editora, 5 edição, 2018.

CARVALHO, Marcia. **A canção popular no cinema brasileiro:os filmes cantantes, as comédias musicais e as aventuras industriais da Cinédia, Atlântida e Vera Cruz**. Revista Universitária do Audiovisual, site, 8 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.rua.ufscar.br/a-cancao-popular-no-cinema-brasileiro-os-filmes-cantantes-as-comedia-s-musicais-e-as-aventuras-industriais-da-cinedia-atlantida-e-vera-cruz/>. Acesso em: 3 de Maio de 2021.

CHION, Michel. **A audiovisual: som e imagem no cinema**, 2016. Traduzido por Pedro Elói. Lisboa: Texto e Grafia, 2003.

DREYFUS, Dominique. **Vida do Viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. Editora 34, 2012.

EISENSTEIN, Sergei. **O Sentido do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

GORBMAN, Claudia. **Film Sound as Art**. Traduzido do francês por Claudia Gorbman. New York: Columbia University Press.

GASPAR, Ítalo. **A cor como elemento de significação na narrativa fílmica: um estudo do longa A História da Eternidade**. Revista O mosaico. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/1843>. Acesso em: 21 de Maio de 2021.

KALINAK, Kathryn. **Music Film: A Very Short Introduction**. New York: Oxford University Press, 2010.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e Pós-cinemas**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

NAGIB, Lúcia. **O cinema da retomada- depoimentos de 90 cineastas dos anos 90**. São Paulo: Editora 34,2002.

NOGUEIRA, Amanda Mansur Custódio. **O novo ciclo de cinema em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

CAVALCANTE, Camilo. **A História da Eternidade: o roteiro original do filme**. Companhia Editora de Pernambuco, 2020.

Filmes

A HISTÓRIA da Eternidade. Direção e roteiro de Camilo Cavalcante. Recife: Aurora Cinema. Disponível em: < <http://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=2905>>. Acesso em: 20 de nov. 2020

A HISTÓRIA da Eternidade (curta-metragem). Direção e roteiro de Camilo Cavalcante. Recife: Aurora Cinema. Disponível em: <<http://cinematecapernambucana.com.br/filme/?id=2315>>. Acesso em: 10 de jan.2021

Entrevista

CAVALCANTE, Camilo. A música em *A História da Eternidade*. Entrevista concedida às autoras Luiza Santos de Moura e Amanda Mansur Custódio Nogueira. Google Meet, Recife, 19 de jul de 2021.